

JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS

O
MANUSCRITO
de Birkenau
romance



gradiva

I

O choque de perceber que a rapariga cadavérica castigada no portão do campo das mulheres era Tanusha deixou Francisco desorientado. Duvidava dos próprios olhos. Tanusha? Aquele monte de ossos? Aquele careca de pele amarelada? Aquele farapo imundo de gente? Tanusha? O que o convenceu foi a prisioneira ter pronunciado o nome dele.

Passado o impacto inicial, Francisco libertou-se do torpor e esbofeteou-a, projetando-a para a lama.

“Cala-te, cabra!”, vociferou. “Como te atreves a dirigir-me a palavra? Só falas com autorização, ouviste?” Virou-se para a *Blockowa*. “Há aqui algum sítio onde a possa interrogar a sós?”

“Só se for nos blocos, *SS-Mann*. Os quartos das *Blockältesten* são fechados.”

Com um movimento rude, Francisco pegou em Tanusha e obrigou-a a levantar-se. Puxando-a pelo braço com firmeza, fez sinal à *Blockowa*.

“Leve-me lá.”

Depois de seguir a mulher SS para o barracão mais próximo, o português entrou com Tanusha no quarto da *Blockälteste* e deu instruções estritas para não ser importunado enquanto interrogava a prisioneira. Fechou a porta e ficou a sós com ela. A rapariga fitava-o a tremer, ainda incrédula e visivelmente desorientada. Enternecido, Francisco envolveu-a com os braços e estreitou-a a si.

“Tanusha...”

Molhada e enregelada, a russa tremia sem cessar. Por uns segundos não reagiu, como se não passasse de um objeto inerte; estava sem resposta, decerto em choque. Um gemido suave assinalou o momento em que pareceu despertar e com os braços magríssimos devolveu-lhe o abraço.

“És tu?”, sussurrou, a voz fraca e trémula. “És mesmo tu?”

“Shhh!”, soprou-lhe ele, consolando-a. “Pronto, está tudo bem. Estou aqui. Está tudo bem.”

Ela chorou convulsivamente durante alguns minutos, a testa mergulhada no ombro enquanto ele a afagava e lhe segredava palavras de conforto. Cheirava a fezes e urina, mas o português não a largou. Ao fim de algum tempo, sentindo-se mais calma, Tanusha apartou-se ligeiramente.

“O que fazes aqui?”

“É uma longa história”, respondeu Francisco. “Mas pode-se dizer que me alistei nas SS para te salvar.”

A rapariga pestanejou, a esperança a bordejar-lhe nas pálpebras.

“Vais... vais tirar-me daqui?”

Ele engoliu em seco.

“Não é assim tão simples”, respondeu. “Vou tentar, mas será difícil.”

A decepção dela embaraçou-o. Jurara protegê-la, fizera desse juramento um propósito de vida, mas falhara e continuava a falhar.

“O mais importante neste momento é que te encontrei”, apressou-se a acrescentar. “O resto... veremos.”

“Porque me bateste?”

“Não posso ser visto a confraternizar com uma prisioneira. Se for apanhado serei punido e talvez executado. E tu também.”

Ela abanou a cabeça.

“Estes alemães são horríveis”, murmurou. “Horríveis. Isto parece um dos campos lá da Rússia. Se visses as coisas que se passam aqui...” Estremeceu. “A Margarita morreu no barracão e estes animais levaram a Olga.”

“Estive com ela.”

A afirmação surpreendeu-a.

“Com a Olga? Ela está bem?”

“Engordou e tudo.”

“Ah, que bom!”, suspirou, aliviada. “Andava tão ralada...”

O português deitou a mão ao bolso do sobretudo.

“Tu também precisas de engordar. Deves estar cheia de fome.”

Uma faísca de expectativa iluminou o rosto chupado de Tanusha.

“Trouxeste-me alguma coisa?”

O noivo tirou do bolso um embrulho envolto em papel de jornal que trouxera do *Stammlager*. A russa pegou nele, quase como se tivesse medo que desaparecesse, e com movimentos frenéticos rasgou o papel e abocanhou o pão com salsicha que o interior revelou. Mastigou com sofreguidão, como um animal selvagem, ainda mais voraz do que daquela vez em que lhe aparecera escanzelada no rio Ishora.

“Calma!”, aconselhou ele. “Come com calma, senão faz-te mal.”

Tanusha devorou o pão e a salsicha em apenas alguns segundos. A seguir pegou na maçã que ele lhe estendeu e trincou-a com a mesma sofreguidão.

“Hmm...”, gemeu de boca cheia. “Tão bom!” Mastigava com a fúria de uma selvagem. “*Tchort!* Não comia maravilhas destas há meses. Meses!” Depois de engolir um pedaço, meteu à boca o bocado final da maçã, incluindo os caroços. “Hmm... que delícia!”

Estudando-a com atenção, o português não pôde deixar de se sentir chocado com o estado a que ela chegara. Além de se começar a assemelhar a um dos mortos-vivos do campo, a noiva tinha a cabeça calva e a pele acinzentada coberta de edemas. O cheiro era nauseabundo.

“Estás doente?”

Ela lambia o suco da maçã que lhe ficara nos dedos.

“Toda a gente aqui está doente”, disse. “Todas as manhãs são retirados dez a vinte corpos do meu bloco durante o *Appell*.” Olhou para o cantil que ele trazia no cinto. “Tens água?”

Francisco tirou o cantil e deu-lho a beber. A noiva inclinou o cantil sobre a boca e engoliu tudo em goles sôfregos.

“Ena! Isso é que é sede!”

Quando esvaziou o cantil, lambeu o gargalo e, quase decepcionada por não haver mais, devolveu-lho.

“Não bebia água assim tão boa desde... sei lá. É a melhor água do mundo.”

“Não há água aqui?”

Ela olhou-o com uma expressão fatigada.

“Deves estar a brincar”, disse. “Temos um poço para o campo todo.” Ergueu o indicador para sublinhar o número. “Um poço. Um. E somos trinta mil.” Arrotou, ainda sob o efeito da água que acabara de engolir. “Ainda por cima a água desse poço está contaminada. Antes de deitar os baldes temos primeiro de retirar os cadáveres.”

“Cadáveres? No poço?”

“Sim, cadáveres. Há pessoas que têm tanta sede que não aguentam e atiram-se lá para baixo. As mortas-vivas são peritas nisso. Puxar os corpos delas lá do fundo é o cabo dos trabalhos. Depois é uma luta para conseguir uma simples tigela de água. Parecemos uns animais. Empurramo-nos umas às outras, batemo-nos, arranhamo-nos. Só não puxamos os cabelos porque não os temos.” Ao referir-se aos cabelos passou a mão pela cabeça nua, subitamente consciente da sua imagem. “Estou... estou feia?”

“És linda.”

“A sério. Estou muito mal?”

Ele sorriu, tentando tranquilizá-la.

“Já estivemos os dois melhor, é verdade, mas fica descansada que voltaremos ao normal.”

A russa ia dizer qualquer coisa quando se dobrou, agarrada ao ventre. Com movimentos atabalhoados, retirou apressadamente do interior do vestido uma tigela de cobre imunda e, acocorando-se, colocou-a entre as pernas. Um líquido amarelado esguichou sobre a tigela, salpicando-lhe as coxas e libertando um odor ácido. Eram fezes.

Tanusha olhou-o, envergonhada.

“Desculpa.”

O noivo estava atónito com o que acabava de observar.

“Andas com um penico?”

“É... é a minha tigela da comida.”

“Que nojo!”, exclamou ele, reprimindo um vômito. “Cagas na tigela onde comes?”

“Todas fazemos isto”, defendeu-se a russa numa voz sumida de embaraço. “O que queres que te diga? Somos trinta mil no campo das mulheres e apenas temos uma latrina, que só estamos autorizadas a frequentar duas vezes por dia. Quando sofremos de diarreia, o que acontece a toda a hora, como querem que

nos aguentemos? Imagina trinta mil prisioneiras com diarreia a tentarem entrar de manhã ao mesmo tempo na única latrina existente. Como ainda por cima quase não há água nas torneiras, a porcaria acumula-se por toda a parte. A merda chega-nos até aos joelhos. Se por acaso conseguirmos um lugar na bancada das retretes, as mulheres ao meu lado estão tão próximas que salpicam para mim. Portanto não vale a pena ir lá. Ora se não podemos ir à latrina e se não podemos cagar noutra sítio, porque senão matam-nos à pancada, o que sugeres que façamos? Temos de usar as tigelas da comida. Não há outra solução.”

O rosto de Francisco mantinha-se contraído num esgar enojado. A degradação das reclusas do campo das mulheres ultrapassava tudo o que lhe haviam dito no *Stammlager*.

“E vocês... vocês comem nessas tigelas?”

“Que remédio! Tento lavá-la o melhor que posso com a neve ou a pouca água que por aí há, claro, mas tenho mesmo de a usar. Só me dão comida se apresentar a tigela. Nem sei como vou fazer quando chegar o verão e a neve acabar...”

A rapariga pousou a tigela cheia de fezes líquidas num canto do compartimento, tentando afastá-la da vista do noivo, mas não tinha nada com que limpar-se. Estava reduzida a um estado selvagem.

“Há quanto tempo tens diarreia?”

“Desde que cheguei. Eu e todas as outras. Isto é um martírio constante, não calculas.”

Francisco retirou de outro bolso um pequeno embrulho.

“Trouxe-te uns medicamentos da farmácia das SS”, revelou. “Incluindo umas tabletes para a diarreia.”

“Como sabias que tinha diarreia?”

O SS começou a desembulhar o pacote.

“Tu própria o disseste, toda a gente tem diarreia”, respondeu. “A disenteria é uma praga nos campos de concentração.”

Tens de ter cuidado com o que bebes, porque senão a diarreia não para. Não podes voltar a beber desse poço nem cagar na tigela onde comes.”

“O que sugeres? Que morra de sede ou à pancada por me borrar no chão?”

Era uma boa pergunta.

“Vou arranjar-te outra tigela.” Com o pacote já desfeito, estendeu-lhe o papel do embrulho. “Para já, usa isto.”

A russa pegou no papel e limpou o ânus e as coxas sujas de excrementos frescos. Enquanto se esfregava ia olhando para a seringa e as diversas embalagens que tinham saído do embrulho.

“O que é isso?”

“Na farmácia das SS disseram-me quais são as doenças generalizadas no campo. Além da disenteria, há tifo e tuberculose. Mandeí embrulhar tudo o que existe para as tratar.” Pegou numa das embalagens. “Isto são vitaminas. Tens de as tomar para compensar as deficiências da alimentação.” Passou-lhe os olhos pelo corpo emaciado. “Tens pulgas?”

Quase como reação reflexa, Tanusha começou a coçar-se.

“Estou cheia delas.”

Francisco pegou na seringa e, fitando a ponta da agulha, fez um pequeno esguicho.

“Isto é uma vacina para a febre tifoide”, explicou. “Dá-me o braço.”

Enquanto a inoculava, o SS português estudava-a; era incrível como uma rapariga tão bonita se tinha gasto tão depressa. Tornara-se quase uma velha. Perguntou a si mesmo se gostaria dela ou da imagem dela. A imagem já ali não estava; o que ficara era a essência. A situação confrontava-o com os seus sentimentos. Se gostava de Tanusha por ser bonita, o objeto do seu amor já desaparecera. Mas se gostava dela por ser ela, ainda ali a tinha. Não sabia já o que verdadeiramente sentia.

Amor pela beleza dela ou amor por ela? Sempre achara que se tratava da mesma coisa, afinal fora a beleza de Tanusha que primeiro o atraía, mas percebia nesse momento que eram coisas diferentes. Amor à imagem ou amor à essência?

Retirou a agulha e a russa viu-o guardar a seringa.

“É verdade que estão a matar pessoas em fábricas?”

“Porque perguntas isso?”

Tanusha fez um gesto para o exterior do compartimento.

“Aqui ao lado do campo das mulheres há uma fábrica sempre a deitar fumo e a cheirar a churrasco”, disse. “Vemos muita gente a entrar e nenhuma a sair. Aparecem pessoas a pé ou em camiões, sempre com soldados e cães à volta. Às vezes ouvimos uns gritos e uns tiros. Corre por aí um boato sobre o que lhes acontece. Perguntámos à *Blockälteste*, mas ela disse-nos que é uma padaria e que não temos de nos preocupar.” Estreitou as pálpebras. “É mesmo uma padaria?”

As regras não escritas entre os SS interditavam-nos de falar sobre o assunto, sobretudo com os prisioneiros. Se dissesse alguma coisa e essa informação se espalhasse, Francisco sabia que ele próprio poderia ser detido e executado por traição ao Reich e conluio com o inimigo.

“O que achas?”

“Isso é o que eu te pergunto”, devolveu ela. “Há quem diga que estão a matar pessoas e que as labaredas na chaminé e o cheiro a churrasco são os cadáveres a ser queimados. As padarias não cheiram a churrasco. Mas... não pode ser, pois não?”

“Bem...”

“São mulheres, crianças e velhos. Que ameaça pode representar essa gente? Até vi bebés! Porque iriam os alemães matar bebés? Isso é absurdo. Os alemães não têm medo de invadir a Rússia, a França e mais não sei quantos países, mas têm medo de bebés? Não faz sentido. Além do mais, a Alemanha é um

país civilizado, um país de progresso, muito mais avançado do que a minha pobre Rússia. Essa história não tem ponta por onde se lhe pegue.” Inclinou-se para ele, o olhar penetrante. “Ou estou enganada? A fábrica é uma padaria ou...”

Francisco não soube o que dizer. O edifício a que ela se referia era o crematório número um, contíguo ao campo das mulheres. Sentia-se tentado a revelar-lhe o que sabia, mas conteve-se. O risco era enorme e tinha de ser cauteloso. Para bem dos dois. Tanusha poderia contar às outras reclusas que a informação viera da boca de um SS. A notícia espalhar-se-ia e se o *Politische Abteilung* investigasse o assunto Tanusha e Francisco poderiam ser executados. Além disso, de que lhe serviria a informação?

“Não liguês a rumores”, acabou por responder. “O import...”

Um alvoroço repentino no exterior interrompeu-lhe o raciocínio. Ficaram ambos calados, atentos ao que se passava lá fora. A porta do compartimento abriu-se de repente.

“*Appell!*”, gritou a *Califactorka*. “*Appell!*”

A ajudante da *Blockälteste* desapareceu tão depressa como aparecera, percorrendo o barracão aos gritos de “*Appell!*” no meio de um grande rebuliço. Apanhados de surpresa, Francisco e Tanusha trocaram um olhar, ele de espanto, ela de pânico.

“Um *Appell!*”, exclamou a russa, levando a mão à boca. “E agora?”

“Vocês não tiveram já o *Appell* da manhã?”

“Isto é uma *Selektion*, não percebes?”

“Ela disse *Appell!*...”

“Um *Appell* especial na hora do trabalho é uma *Selektion*. Estão a presumir que quem não saiu nos *Kommandos* e ficou no campo é porque está doente. Este *Appell* é uma *Selektion!*”

Ninguém no campo ignorava o que era uma *Selektion*, e muito menos eles. Os SS juntavam os presos e escolhiam

alguns, muitos ou poucos conforme as circunstâncias e os objetivos, e levavam-nos. Se Tanusha apenas ouvia rumores assustadores sobre o destino dos selecionados, Francisco sabia muito bem o que lhes acontecia. Eram executados. Pery Broad contara-lhe que o novo comandante de Auschwitz tentara pôr fim àquela prática, na verdade chegara mesmo a suspendê-la, mas em janeiro fora forçado a retomá-la por imposição de Berlim.

O português olhou em redor, em busca de opções.

“Não há um sítio onde te possas esconder?”

“Qual sítio?”, perguntou ela, muito assustada. “Eles revisitam o barracão. Além do mais a *Blockowa* sabe muito bem que estou aqui e a *Califactorka* acabou de nos ver.”

Ainda mais do que a noiva, o português sabia perfeitamente o que significava um prisioneiro ser apanhado nas redes de uma *Selektion*. Mas Tanusha tinha razão. Ninguém ignorava que ela se encontrava ali e os SS não descansariam enquanto não a localizassem. Se Tanusha se escondesse, seria inevitavelmente apanhada e executada.

A *Califactorka* voltou a passar em corrida diante da porta.

“*Appell!*”, gritou ainda. “Todos para o *Appell! Schnell! Schnell!* Depressa! Depressa! E dispam-se!”

Sabendo que não havia alternativa, Tanusha baixou-se para pegar na tigela cheia de excrementos e saiu cabisbaixa do compartimento.

“Vou deixar as minhas coisas na *koia*.”

Sozinho no quarto da *Blockälteste*, Francisco sentia-se absurdamente impotente. Com um suspiro pesado, também abandonou o compartimento e encaminhou-se para a saída do barracão. Que raio de homem era ele que jurara a si mesmo protegê-la e afinal se aprestava a vê-la ser selecionada para morrer?

III

Duas centenas de prisioneiras alinhavam-se na *Appellplatz* do campo das mulheres, todas nuas, os ossos e as costelas protuberantes, os edemas na pele à vista de todos. Diante delas estava um punhado de homens e mulheres fardados. Francisco reconheceu a *Lagerführerin* Mandel, que já tinha visto na hora da saída dos *Arbeitskommandos*. Atrás havia dois camiões de caixa aberta a aguardar as selecionadas para as levar para os crematórios. O português plantou-se junto das *Blockältesten* e das *Califactorkas* e, enchendo-se de coragem, preparou-se para ver o que o destino reservava à sua noiva.

O espetáculo era deprimente. Se as prisioneiras daquele campo já tinham um ar miserável, as que ali estavam eram as piores das piores. A maior parte não passavam de mortas-vivas que mal se tinham em pé. Umas estavam já prostradas no chão, indiferentes ao que lhes pudesse suceder, e outras balouçavam como se a qualquer momento fossem cair.

As restantes também faziam aflição. A maioria parecia doente, os olhares febris e mortiços. E a nudez de todas era uma tristeza. Calvas, pele e osso, com feridas, arranhões e nódos negras por todo o corpo, lama e excrementos nas nádegas e nas pernas. Nunca imaginara que uma mulher nua pudesse ser tão repugnante.

Lobrigou Tanusha numa das filas e sentiu o ânimo afundar-se ainda mais. Encontrava-se pior do que lhe parecera quando a vira vestida. Também ela tinha os ossos protuberantes e as costelas esculpidas sob a pele. Lá estavam os excrementos, a lama e as feridas. Era incrível que a rapariga tão bonita por quem se apaixonara na *dacha* de Sablino estivesse reduzida àquele espetro. Tanusha era uma sombra do que fora. Não se tornara ainda uma morta-viva, mas não andava lá longe. A diferença em relação às outras é que parecia aguentar-se. Mantinha-se ereta e não vacilava.

A voz da *Lagerführerin* soou na *Appellplatz*.

“O *Doktor* vai ver-vos uma a uma para decidir quem beneficiará da transferência”, anunciou. “Comecem a desfilarem! *Schnell! Schnell!*”

Um SS com galões de *Hauptsturmführer*, o equivalente a capitão, deu nesse momento um passo em frente. Obedecendo à ordem da responsável do campo, as prisioneiras começaram a passar diante dele. Com um movimento subtil do dedo, e sem pronunciar uma única palavra, o oficial ia-lhes indicando o lado para onde deveriam ir.

Esquerda.

Esquerda.

Esquerda.

Direita.

Esquerda.

Esquerda...

Iam quase todas para a esquerda, percebeu Francisco. O que queria aquilo dizer? Deu um passo para o lado e encostou-se a uma *Califactorka*.

“O que é a esquerda?”

A rapariga pareceu surpreendida com a pergunta.

“É... é a transferência, *Herr SS-Mann*.”

Ou seja, as da esquerda iam ser mortas. E de facto as que tinham sido selecionadas para esse lado estavam já a ser conduzidas, ainda nuas, para a carga dos camiões. As mortas-vivas que não conseguiam andar eram mesmo atiradas para o interior dos veículos como sacos de batatas.

Esquerda.

Esquerda.

Esquerda...

Fixou os olhos no *Hauptsturmführer* que conduzia a *Selektion*. Estava bem fardado, como requerido nas SS, com luvas brancas e as botas de cano alto impecavelmente engraxadas. Parecia impossível apresentar tanto aprumo no meio de tanta lama, mas o oficial conseguia-o.

“Quem é este *Hauptsturmführer*?”

A *Califactorka* voltou a lançar-lhe um olhar de espanto, como se a pergunta fosse ainda mais extraordinária do que a anterior.

“É *Herr Doktor Mengele*, *Herr SS-Mann*.”

Uma das *Blockältesten* juntou-se à conversa.

“O homem mais bonito do *Katzet*”, observou, como se esse dado fosse de enorme relevância. “Olhem para aquilo! Que espetáculo!”

“Parece o Clark Gable!”

As *Blockältesten* e as *Califactorkas* desataram a comentar em voz baixa a figura do *Hauptsturmführer*. Francisco atirou-lhes um olhar de estupefação. Aquelas prisioneiras

pareciam mais interessadas nos atributos físicos do médico do que no destino das mulheres que ele selecionava para a morte.

Esquerda.

Direita.

Esquerda...

“Sabem se é casado?”

“Há de ser”, opinou outra *Blockälteste*. “De certeza que já alguém lhe deitou a unha.”

“Talvez dê umas voltinhas por fora...”

“Olha-me esta serigaita, a fazer-se ao piso. Aquilo não é peixe para as tuas águas, minha linda. Um homem destes nem repara em nós.”

Esquerda.

Esquerda...

O grupo da esquerda não parava de aumentar, enquanto para a direita iam pouquíssimas mulheres. Francisco sentia-se muito nervoso; o coração ribombava-lhe no peito. Queriam lá ver que o estafermo ia selecionar a sua Tanusha? O impensável começava a tornar-se provável. O homem ia mesmo mandá-la para a esquerda! Teve vontade de tapar os olhos; aquilo era de mais. Fitou Tanusha e viu-a na fila, a aproximar-se passo a passo do oficial, trémula, os olhos baixos.

Esquerda.

Esquerda...

O que faria se, como lhe parecia inevitável, o médico selecionasse Tanusha? Aquele esqueleto careca e ambulante coberto de feridas e excrementos nada tinha a ver com a rapariga das tranças de ouro que pedira em casamento em Pushkin. E, apesar de parecerem pessoas diametralmente diferentes, uma bela e esta hedionda, eram a mesma. A mesma. Aquele monte de ossos era a sua Tanusha.

Quase em pânico com a iminência de a ver enviada para a morte, teve assim resposta à pergunta que fizera a si mesmo pouco antes. Gostava dela ou da imagem dela? Apaixonara-se pela sua essência ou pela sua beleza? A verdade tornava-se clara. Parecesse Tanusha como parecesse, uma princesa ou uma bruxa, um anjo palpitante de vida ou um destroço à beira da morte, era a sua Tanusha. É certo que fora a beleza dela que primeiro o atraía, mas agora o que amava era a sua essência. A essência, já não apenas a beleza.

Esquerda.

Esquerda...

O que faria então quando o médico das SS a enviasse para a esquerda? Ficaria passivamente a vê-la ser metida no camião e levada para os crematórios? Como viveria com isso? Teria de fazer alguma coisa. Mas o quê?

Esquerda.

Esquerda.

Esquerda...

Quando a *Selektion* terminasse iria falar com o médico e dir-lhe-ia que houvera um engano e uma das prisioneiras selecionadas era imprescindível. O médico acederia e mandá-la-ia sair do grupo das condenadas. Tanusha seria salva. Reconsiderou. As coisas não seriam assim tão fáceis. Ela era imprescindível para quê exatamente? À pergunta do médico, o que responderia? Que aquele esqueleto ambulante era uma peça fundamental para o bom funcionamento de um *Kommando*? Qual *Kommando*?

Uma coisa dessas não pegaria. O mais natural é que o médico nem se desse ao trabalho de lhe dar troco. Tratava-se de um *Hauptsturmführer* e ele não passava de um simples *SS-Mann*, ainda por cima estrangeiro. Mandá-lo-ia calar-se e dir-lhe-ia que não se metesse onde não era chamado. E seria

a resposta mais benevolente, pois poderia muito bem ser acusado de desrespeito à hierarquia e punido.

Na fila, Tanusha tinha agora apenas umas vinte prisioneiras à sua frente.

Esquerda.

Esquerda...

Tinha de ser realista. O médico não iria aceitar nenhuma objeção. Lealdade e honra. Não era esse o lema das SS? Lealdade e honra. As ordens não se discutiam. O soldado podia não as compreender, podia nem concordar com elas, mas tinha de as cumprir escrupulosamente. Lealdade e honra.

Esquerda.

Esquerda...

Tanusha a dez prisioneiras de distância. A rapariga atirou-lhe um olhar ansioso e ele, buscando ânimo onde já não o tinha, devolveu-lhe uma expressão de confiança, como se já tivesse tratado de tudo e ela pudesse ficar descansada.

Esquerda.

Esquerda...

O coração de Francisco dava saltos no peito e o estômago começou a doer-lhe. O tempo esgotava-se. Voltou à questão que se pusera a si mesmo. O que faria quando Tanusha fosse selecionada? Teria de interceder pela noiva, isso parecia-lhe inevitável. O médico recusaria, isso era igualmente claro, e então o que faria? Deixá-la-ia ser levada para a morte sem nada fazer? E a fazer, faria o quê?

Esquerda.

Esquerda...

Tanusha a cinco prisioneiras de distância.

Tomou a decisão. Sacaria da pistola que trazia à cintura e mataria o *Hauptsturmführer*. A seguir abateria a *Lagerführerin* e os SS que estavam ao lado dela e... e....

E o quê? Onde os levaria isso? À salvação? Numa situação daquelas não havia salvação possível. Não podia enfrentar o campo todo, não podia matar todos os SS que lhe aparecessem, nada disso era realista. A verdade, a terrível verdade, é que não havia esperança.

Esquerda...

Tanusha a três prisioneiras de distância.

Esquerda...

Tanusha a duas.

Esquerda...

Era agora era agora era agora.

Direita.

Direita! Quase soltou um grito de alegria. Direita! Tanusha não fora enviada para a morte!

Auschwitz é o ponto de encontro entre duas figuras singulares. Uma é o Grande Nivelli, o mágico judeu deportado para o campo da morte. A outra é Francisco Latino, o legionário português recrutado pelas SS.

Os russos aproximam-se e os nazis preparam-se para o massacre final. Com o fim à vista, o judeu e o português vão unir forças para sobreviver. Ao mesmo tempo, a magia do Grande Nivelli irá desempenhar um papel central no maior ato de resistência contra o Holocausto.

A revolta de Auschwitz

O Manuscrito de Birkenau conclui a espantosa história iniciada em *O Mágico de Auschwitz* e revela-nos a Shoah como nunca foi contada. Baseando-se em acontecimentos verídicos e em personagens reais, José Rodrigues dos Santos transporta-nos ao coração do grande campo da morte nazi e desvenda-nos o papel do misticismo e do esoterismo na Solução Final.

Uma das mais importantes obras da literatura portuguesa contemporânea.

“Um dos maiores escritores do nosso tempo.”

Journal de France, França

Não perca
o primeiro volume
desta história
apaixonante.



gradiva